

VITRINE DE CURIOSIDADES

SANITA DE SALA

Zinco, madeira e porcelana

A. 43 x L. 46 x D. 32 cm

Século XIX

MAH.1993.0452

*Isso é observado como a natureza de uma pia,
Quanto mais se mexe, mais fede.*

John Harington, *A New Discourse of a Stale Subject,
Called The Metamorphosis of Ajax*, 1596¹.

A utilização higiénica da água como hoje a conhecemos só começou a ser vulgarizada a partir do século XIX.

Habitualmente, a maior parte das gentes fazia as suas necessidades fisiológicas fora das suas habitações, nas chamadas “privadas”, como o próprio Gil Vicente referiu numa das suas comédias.

Exceções eram as retretes, as secretas e as latrinas que apenas existiam em casas de maior opulência, onde o seu despejo ficava a cargo de escravas ou criadas – que pela especificidade da função recebiam a designação de calhandreiras. As estas, também cabia a limpeza das que, por serem transportáveis e também possuírem tampa, podiam circular pelo interior do espaço habitacional, assegurando assim, a sua permanência, sem provocar a exalação de odores desagradáveis. Algumas estavam encaixadas em cadeiras e eram parte integrante do mobiliário das casas mais abastadas, como se pode ler nalguns inventários *post-mortem* da Lisboa dos princípios do século XIX.

Esta sanita, integrada na Unidade de Gestão Artes Decorativas e Aplicadas do Museu de Angra do Heroísmo, já com um assento em madeira, vaso interior de porcelana decorada e respetiva tampa é oriunda de uma casa abastada desta cidade.

¹ O autor, afilhado da rainha Elizabeth I, de Inglaterra, foi considerado o primeiro inventor de uma sanita com autoclismo.